



Clipping

EDUARDO NAZARIAN

PRESS QUOTES



"Dominguinhos,— offers an impressionistic portrait in which autobiography entwines with atmospheric stock footage and plentiful performance video. A delight for any serious fan of Tropicália, it is not designed for viewers without a bit of knowledge; on video, it will be a valuable part of the music's history."



"O trio de diretores cumpre o mais que ideal no Documentario batizado Dominguinhos."



"O documentário acerta ao tomar o depoimento de vida do próprio Dominguinhos."



"A música da terra nas vozes do Oficina vence Premio Shell de 2002. "



"Um produto sob medida para exhibir as facetas mais obscuras do músico genial."

The logo for O GLOBO, featuring the text "O GLOBO" in a bold, blue, sans-serif font.

"Elevado 3.5 é o grande vencedor do É Tudo Verdade".

The logo for THE AUSTIN CHRONICLE, with "THE AUSTIN" in a small, black, sans-serif font above the word "CHRONICLE" in a larger, bold, black, sans-serif font.

"With dazzling archival footage, directors Joaquim Castro, Eduardo Nazarian, and Mariana Aydar take us from the frozen-in-time backlands of the Northeast to bustling 1960s and 70s Rio de Janeiro and São Paulo."

The logo for VARIETY, featuring the word "VARIETY" in a stylized, red, serif font with a decorative flourish above the "V".

"Dominguinhos," a bio-doc, that portrays Brazil's most celebrated modern accordionist who performed with many of the Bossa Nova greats – there's footage of Dominguinhos playing with Gilberto Gil, for instance – and broke out to have a successful career of his own, epitomizing the styles of his native Sertao in northeast Brazil. Joaquim Castro, Eduardo Nazarian and Mariana Aydar direct.

The logo for JOYCE PASCOWITZ, featuring the name "JOYCE" in a bold, black, sans-serif font above the name "PASCOWITZ" in a smaller, black, sans-serif font, all contained within a red rectangular background.

"Mesclando o veterano Robertinho Silva com músicos da nova geração, Nazarian mostra-se como um dos principais instrumentistas da nova geração".

The logo for FOLHA DE S. PAULO, featuring the text "FOLHA DE S. PAULO" in a bold, black, sans-serif font.

"Com influências da música africana e do jazz o pianista lança seu primeiro CD sem medo de experimentar"

DE VOLTA AO BARRO

A cerâmica, normalmente dominada pelas mulheres, ganha cada vez mais mãos masculinas. Conversamos com os ceramistas da vez para descobrir o que está por trás dessa arte ancestral que se tornou ofício – e processo terapêutico – de muitos

Texto Natália Albertoni

Fotos João Bertholini

Eu nunca domei um cavalo, mas é essa a imagem que me vem à mente quando o ceramista Eduardo Nazarian tenta explicar o que sente ao trabalhar no torno. Só é possível manipular a argila enquanto ela está centralizada sobre um disco, que gira sem parar. É necessário fixar os olhos na massa amorfa marrom-rosada sem saber se ela vai aceitar ser dominada. É preciso força, pois o material chega a pesar dez quilos, mas também leveza. Qualquer movimento brusco pode fazer com que a massa saia do centro, seguindo sua própria vontade. Empurra, amassa, aperta e as mãos, lambuzadas, se sincronizam com o movimento da máquina. É hipnótico. E, se tudo der certo, você pode ver nascer ali uma forma. “É difícil explicar. Não sou místico. Mas, quando acontece, sinto como se o mundo estivesse no eixo”, conta Eduardo. Não é à toa que trabalhar com as mãos está em alta, inclusive entre os homens. A atividade desenvolve a concentração e pode desencadear a liberação de dopamina, o tal hormônio da felicidade. Na era do uso mais do que excessivo das telas, a experiência do *it yourself*, que teve um hype nos anos 2000, chega a uma nova fase. A onda do artesanato, em especial a cerâmica, que também viveu seu boom nos anos 1970, conquista maturidade diante da busca por uma reconexão com nós mesmos frente a tantos estímulos. É uma forma de exercer presença que chega a ser comparada com técnicas de meditação, ioga ou terapia. Soma-se ao hype da cerâmica uma pandemia, quando todos foram obrigados a olhar para dentro e fazer mudanças. Por todos esses motivos, a lista de adeptos, que tem nomes como Brad Pitt e Leonardo Di Caprio, segue crescendo. A seguir, apresentamos ceramistas que desafiam estereótipos a partir dessa onda.

Manual | CERÂMICA

DE VOLTA AO BARRO

A cerâmica, normalmente dominada pelas mulheres, ganha cada vez mais mãos masculinas. Conversamos com os ceramistas da vez para descobrir o que está por trás dessa arte ancestral que se tornou ofício – e processo terapêutico – de muitos

Texto Natália Albertoni

Eu nunca domei um cavalo, mas é essa a imagem que me vem à mente quando o ceramista Eduardo Nazarian tenta explicar o que sente ao trabalhar no torno. Só é possível manipular a argila enquanto ela está centralizada sobre um disco, que gira sem parar. É necessário fixar os olhos na massa amorfa marrom-rosada sem saber se ela vai aceitar ser dominada. É preciso força, pois o material chega a pesar dez quilos, mas também leveza. Qualquer movimento brusco pode fazer com que a massa saia do centro, seguindo sua própria vontade. Empurra, amassa, aperta e as mãos, lambuzadas, se sincronizam com o movimento da máquina. É hipnótico. E, se tudo der certo, você pode ver nascer ali uma forma. “É difícil explicar. Não sou místico. Mas, quando acontece, sinto como se o mundo estivesse no eixo”, conta Eduardo. Não é à toa que trabalhar com as mãos está em alta, inclusive entre os homens. A atividade desenvolve a concentração e pode desencadear a liberação de dopamina, o tal hormônio da felicidade. Na era do uso mais do que excessivo das telas, a experiência do *it yourself*, que teve um hype nos anos 2000, chega a uma nova fase. A onda do artesanato, em especial a cerâmica, que também viveu seu boom nos anos 1970, conquista maturidade diante da busca por uma reconexão com nós mesmos frente a tantos estímulos. É uma forma de exercer presença que chega a ser comparada com técnicas de meditação, ioga ou terapia.

Soma-se ao hype da cerâmica uma pandemia, quando todos foram obrigados a olhar para dentro e fazer mudanças. Por todos esses motivos, a lista de adeptos, que tem nomes como Brad Pitt e Leonardo Di Caprio, segue crescendo. A seguir, apresentamos ceramistas que desafiam estereótipos a partir dessa onda.



O torno é a base das criações de Nazarian. Tintas no estúdio de sua casa/artêl

Foto João Bertholini

Manual | CERÂMICA



Nazarian e uma das cerâmicas “raggedas”. No detalhe, essa de sua primeira coleção

Os opostos se atraem

Eduardo Nazarian começou a manipular a argila há cerca de dois anos, após ver o material na sua forma bruta, no meio de uma falésia na Bahia. Na época, ele buscava uma nova plataforma artística para substituir o piano, com o qual compunha trilhas para o cinema, por algo mais físico, literalmente. Passar cada vez mais tempo dentro do estúdio, no computador, onde boa parte da composição musical acontece, o deixava claustrofóbico. E a cerâmica surgiu como um novo horizonte. “Eu pensava que era algo sereno demais. A gente associa a um trabalho feminino. E, de fato, as mulheres são maioria nessa arte. Mas é um ofício bastante técnico e corporal. Não parei mais.” No seu ateliê, que funciona no sótão da

sua casa lindíssima no Jardim América, há cerâmicas em várias fases, inclusive algumas rasgadas cirurgicamente. Os ruidos não têm tanta função para além da beleza e talvez por isso chamem tanta atenção. Nazarian passa horas trabalhando nas múltiplas etapas de um processo que chega a levar até 20 dias para dar vida a uma única peça. Toda feita de argila marmorizada ou porcelana, sua primeira coleção, *Mar e Falésia*, pode ser encontrada na Galeria Garimpo, em São Paulo, e na loja Trancoseando, em Porto Seguro. As peças são inteiramente brancas ou alternam sutis variações cromáticas em tons terrosos que lembram realmente os tons das pedras de areia colorida de praias como Espelho e Trancoso. Juntas, as tentam um contraste e parecem compor

outra obra. “É esse encontro de opostos que me encanta. Claro e escuro. Força e delicadeza. Técnica e intuição. Cerâmica é um pouco isso”, sintetiza. @nazarian_studio



“É esse encontro de opostos que me encanta. Claro e escuro. Força e delicadeza. Técnica e intuição. Cerâmica é um pouco isso”

Eduardo Nazarian começou a manipular a argila há cerca de dois anos, após ver o material na sua forma bruta, no meio de uma falésia na Bahia. Na época, ele buscava uma nova plataforma artística para substituir o piano, com o qual compunha premiadas trilhas para o cinema, por algo mais físico, literalmente. Passar cada vez mais tempo dentro do estúdio, no computador, onde boa parte da composição musical acontece, o deixava claustrofóbico. E a cerâmica surgiu como um novo horizonte. “Eu pensava que era algo sereno demais. A gente associa a um trabalho feminino. E, de fato, as mulheres são maioria nessa arte. Mas é um ofício bastante técnico e corporal. Não parei mais.” No seu ateliê, que funciona no sótão da sua casa lindíssima no Jardim América, há cerâmicas em várias fases, inclusive algumas rasgadas cirurgicamente. Os ruídos não têm tanta função para além da beleza e talvez por isso chamem tanta atenção. Nazarian passa horas trabalhando nas múltiplas etapas de um processo que chega a levar até 20 dias para dar vida a uma única peça. Toda feita de argila marmorizada ou porcelana, sua primeira coleção, Mar e Falésia, pode ser encontrada na Galeria Garimpo, em São Paulo, e na loja Trancoseando, em Porto Seguro. As peças são inteiramente brancas ou alternam sutis variações cromáticas em tons terrosos que lembram realmente os tais paredões de areia colorida de praias como Espelho e Trancoso. Juntas, ostentam um contraste e parecem compor outra obra. “É esse encontro de opostos que me encanta. Claro e escuro. Força e delicadeza. Técnica e intuição. Cerâmica é um pouco isso”, sintetiza.

O GLOBO

**PASSO
A
PASSO**

O livro “Nossos almoços de família” celebra 30 anos do Rascal, com 62 receitas famosas da casa como a torta de maçã (foto), nhoque de banana-da-terra e atum em crosta de gergelim. “Mostramos como fazemos tudo do zero, passo a passo”, conta Liane Ralston, uma das fundadoras. À venda nas livrarias e nos restaurantes da rede, por R\$ 190, com parte da renda revertida para Acaia Pantanal, S.O.S Pantanal e Onçafari.

**OS MÓVEIS DE INHOTIM.
NOVO LIVRO DE RECEITAS
E CERÂMICAS DA BAHIA**



O músico Eduardo Nazarian se apaixonou pela cerâmica

ENTRE MUNDOS

Pianista e compositor com importantes trabalhos realizados na área da música e do cinema, Eduardo Nazarian passou a se dedicar à arte da cerâmica em 2020. Depois de duas décadas trabalhando dentro do estúdio, encantou-se com a vida ao ar livre, realizando pesquisas em argilas naturais nas falésias do Sul da Bahia. Com ateliê montado no Espelho, Eduardo

Written by Michael Agresta

<http://www.austinchronicle.com/daily/sxsw/2015-03-19/sxsw-film-reviewdominguinhos/>

Brazilian accordion virtuoso Dominguinhos grew up in the Pernambucan sertão, a land of cacti, bandits on horseback, and periodic catastrophic droughts. We in Texas know that such unforgiving landscapes can give rise to transcendent folk music styles. The same, apparently, is true in Brazil.

This documentary, in Portuguese with subtitles, tracks Dominguinhos's rise to national celebrity from his origins as the son of "Indian-born" manioc farmers. "My mother had 16 kids," Dominguinhos tells an interviewer. "Many died, died even because of stomachaches. My father would make the coffins himself."

His story is also the story of the modernization of Brazil. With dazzling archival footage, directors Joaquim Castro, Eduardo Nazarian, and Mariana Aydar take us from the frozen-in-time backlands of the Northeast to bustling 1960s and 70s Rio de Janeiro and São Paulo. There, Dominguinhos forms collaborations with jazz and pop legends like Gilberto Gil and Gal Costa. Throughout, however, the accordionist stays rooted in baião, the native rhythmic style of the Northeast. "Whenever I start playing something," he confesses as an old man, fingering his instrument, "I always end up playing baião."



The Mercury News

Written by Jim Harrington

<https://www.mercurynews.com/2015/03/19/sxsw-film-2015-dominguinhos-documentary-is-moving-tribute/>

Dominguinhos was an amazingly talented artist, who contributed so much to his native Brazilian music during his 60-plus-year career.

He died in 2013, at the age of 72, leaving behind legions of fans. Yet, so many other music lovers -- especially outside of Latin America -- have yet to experience his work.

Hopefully some of the uninitiated will catch on after seeing the new documentary "Dominguinhos," which received its North American premiere at the 2015 South by Southwest Film Festival in Austin, Texas.

The film is a moving tribute to the accordionist-vocalist-composer, tenderly tracing his path from childhood to music legend. It succeeds in so many ways, yet the biggest triumph comes from its ability to make viewers quickly and deeply care about Dominguinhos ("Little Dominic"). He just comes across as such a likable character, far more man than myth.

The documentary, which is in Portuguese with English subtitles, uses archival footage to detail Dominguinhos' rise through the music industry. Yet, the focus is more on family than fame, more 11 about the love of the music than the spoils of success. It would be shocking to learn that the film's three directors -- Joaquim Castro, Eduardo Nazarian and Mariana Aydar -- were anything but lifelong fans of Dominguinhos.

The music in the film is just spectacular, showcasing the many different sides -- from traditional to pop to jazz -- of this Brazilian music king. "Dominguinhos" is sure to please longtime fans. Yet, it's going to make new ones as well.



Written by Phil Gallo

<https://www.hollywoodreporter.com/news/music-news/sxsw-2015-music-documentaries-fringe-781392/>

Passion projects premiering at the film portion of Austin festival are some of the confab's best offerings.

The South By Southwest Film Festival, which starts March 13, annually places a spotlight on obscure corners of the music world and in many cases, the festival provides the rare screening of these documentaries. Directors of five films premiering at SXSW about music outside the mainstream talked to Billboard about their passion for their subjects and what it took to get their films made.

Dominguinhos

Gilberto Gil, Hermeto Pascoal and other Brazilian greats discuss the genius of the late accordionist Dominguinhos in this documentary directed by Joaquim Castro, Eduardo Nazarian and Mariana Aydar. Aydar, a singer, says Dominguinhos' "natural talent, his ability to play all rhythms, his generous nature and his humanity" are not well known to the people of Brazil. "In addition to his great hits, there is a very unknown discography, from the 70's mainly, that is really impressive."

Research for the film began in 2008 and shooting began in 2011 when Dominguinhos was battling lung cancer. Post-production, which included securing music and historical footage, took all of 2013, during which time the team created and produced an online series. The film opened in Brazil in early 2014 and spent four months in theaters.

"It's a universal story, about life and death, love and pain, the struggle for food, the life of an immigrant," says Nazarian via email from Brazil. "He became a musical phenomenon without ever looking for fame."

This article originally appeared on Billboard.com.

By Kevin Jagernauth

<https://www.indiewire.com/theplaylist/sxsw-exclusive-meet-a-true-musician-in-clip-from-documentary-dominguinhos-20150312>

While you might know more internationally famous names like Gilberto Gil and Gal Costa, the singularly named and singularly talented Dominguinhos may not be as familiar. But at SXSW, the documentary "Dominguinhos" hopes to rectify that situation, and today we have an exclusive clip.

Directed by Joaquim Castro, Eduardo Nazarian, and Mariana Aydar, the film chronicles the life of the self-taught musician who grew up in an era when music on the radio was played live. It was in that environment where Dominguinhos cut his teeth seven nights per week, and quickly learned,

adapted, and was inspired by a variety of styles. No musical language was foreign to him in his hands, and in this scene from the doc, you can get a taste of his extraordinary skill.

"Dominguinhos," produced by Brazilian production company bigBonsai, will have its first screening at SXSW on Tuesday, March 17th at the Stateside Theatre. Watch below.





Written by Phil Gallo

Dominguinhos

Gilberto Gil, Hermeto Pascoal and other Brazilian greats discuss the genius of the late accordionist Dominginhos in this documentary directed by Joaquim Castro, Eduardo Nazarian and Mariana Aydar.

Aydar, a singer, says Dominginhos' "natural talent, his ability to play all rhythms, his generous nature and his humanity" are not well known to the people of Brazil. "In addition to his great hits, there is a very unknown discography, from the 70's mainly, that is really impressive."

Research for the film began in 2008 and shooting began in 2011 when Dominginhos was battling lung cancer. Post-production, which included securing music and historical footage, took all of 2013, during which time the team created and produced an online series. The film opened in Brazil in early 2014 and spent four months in theaters.

"It's a universal story, about life and death, love and pain, the struggle for food, the life of an immigrant," says Nazarian via email from Brazil. "He became a musical phenomenon without ever looking for fame."





Written by John Hopewell

Brazil Preps for Mass SXSW Attendance

Fest increasingly valued for not only film strand but its digital domain and creative economy breadth.

MADRID – Los Bragas, Big Bonsai, Conspiração Filmes and O2 Play figure among a significant 59-company Brazilian presence at 2015 South by Southwest, which kicked off today in Austin, Texas.

The mass Brazilian presence – doubling from 28 companies in 2014 – underscores just how seriously Brazil takes SXSW and that, increasingly abroad, it's seen as far more than a straightarrow indie film fest for just U.S. attendees.

Brazilian attendance was arranged, for instance, by 10 state orgs, led by Apex-Brasil, Brazil's Trade and Investment Promotion Agency. Others supporting orgs range across film, TV, music, games, music, art, design, startups, software, IT, and venture capital orgs. One, international movie promo company, Cinema do Brasil, calls SXSW "the most innovative creative economy event in the world."

Big Bonsai will screen fest-selected feature "Dominguinhos," a bio-doc, that portrays Brazil's most celebrated modern accordionist who performed with many of the Bossa Nova greats – there's footage of Dominguinhos playing with Gilberto Gil, for instance – and broke out to have a successful career of his own, epitomizing the styles of his native Sertao in northeast Brazil. Joaquim Castro, Eduardo Nazarian and Mariana Aydar direct.

Brazilian film/TV shingles and dresign outfits will attend a March 16 company presentation before a "Dominguinhos" screening. Brazilian singer Aydarwill perform a pocket show.

Of movie companies, also attending are Querosene Filmes, a frequent co-producer with Argentina ("Juan and the Bailerina") and Uruguay ("High Five"), Prodigio Films, producers of Vinicius Coimbra's Rio Fest winner "Matraga," and Minas Gerais-based Mosquito Project, whose productions range from fiction (fiction drama/feature "Supernova") to docus ("Gueto Digital") and conflict/trouble zone shoots.

With Brazil boasting the fourth highest number of Internet users in the world – 109.7 million in 2012 – digital content production, distribution and financing looks to be high on many companies agendas. Just as last year Mip TV launched Mip Digital Front and the Cannes Film Market Next, both forums for discussion of content production in a digital age, SXSW is increasingly prized abroad for its focus on digital content and convergence.

Among 2015 Brazilian SXSW badge holders, actress-director Alice Braga ("Elysium," "City of God") will attend, but not for a movie screening. Instead, with Los Bragas company partners, director-screenwriter Felipe Braga and producer Rita Moraes, she'll sit on a panel in SXSW'S SXsports program on Neymar: From Brazil Soccer Star to YouTube Creator.

They will discuss with Google's Rodrigo Abdalla their latest production, "Neymar Jr.'s Life Outside the Fields." The three-season Web series, then featured TV series, sparked a dedicated Neymar Jr. YouTube channel and has earned brand support from Spain-based high street bank Santander, 30% international viewers and an Intl. Digital Emmy nomination.

"SXSW is an overwhelming experience – an invitation to rethink the way we structure our projects. As panelists (for the second consecutive year), we want to make sure Brazil is seen as a relevant source of ideas, helping to define global trends with innovative experiences," said Felipe Braga and Rita Moraes. "Speaking at SXSW is not about presenting a project's results, but sharing the challenges involved in trying to do something new."

Likewise, Conspiração, one of Brazil's top film ("House of Sands," "Lope") and TV ("Rouge Bresil") production houses, attended SXSW last year for the first time, dispatching a movie director/creative exec. In 2015, by contrast, "our focus is on new business, understanding the future of digital content in all aspects: new medias (YouTube and other platforms), digital audience, contents and metrics, music and content, brands & content, and so on," said Renata Braga, Conspiração exec director, corp/concept.

Run by Fernando Meirelles, Andrea Barata Ribeiro and Paulo Morelli, best known as a film company (“City of God,” “Trash”) but rapidly running up a fulsome TV drama production slate, O2 Filmes launched O2 Play, its theatrical and VOD arm, in February 2014.

“SWSW is a strategic festival for us. It represents the convergence of means and new formats for creating, producing and distributing content. We’re going to close deals with platforms, creative’s and to export new Brazilian content via digital,” agreed Igor Kupstas, director of O2 Play. Brazil’s participation will feature a rented house Casa Brasil, open March 14–17, with lectures, workshops, networking facilities and the presentation of films, a March 14 presentation in SXSW’s Startup Village of 13 Brazilian startups, plus two panels, including one called Why Invest in Brazil.

Apex-Brasil will also taken 10 Brazilian investment funds to SXSW, spread among venture capital initiatives, corporate venture funds and angel investors, to establish contact with international investors. FilmBrazil, part of the Brazilian Industry/Development Ministry that focuses on business, intellectual property, industry and brands, is another backer of Brazilian companies at SXSW. As the digital domain builds, so does its presence at film and TV events, and the urgency of movie and TV companies’ interest in its latest innovations.



MARCH 10, 2015 | 06:03AM PT

Cinema Estreias

Julio Maria

Não há som nenhum no sertão de Dominginhos. Um pião gira no chão de terra até que aparecem os primeiros ruídos. Um boiadeiro canta, uma ave bate as asas. O pião retorna. É uma imensidão de sol e silêncio que abrem o documentário sobre Dominginhos. Uma solidão que ficou com ele até o final da vida, estivesse na festa dos vitoriosos que levam prêmios Grammy para casa e na colheita do feijão com o pai, nas terras de Garanhuns.

Quando a música aparece, ela vem em turbilhão. Um Dominginhos de cabeça baixa, de pé, à frente de um grupo, tocando sua sanfona como se estivesse em transe. De olhos fechados, transpassa dedos uns sobre os outros como se tivessem vida própria, como se nem dos comandos do cérebro precisassem.

É o próprio músico quem narra sua história. Seu Domingos fa-



DOMINGUINHOS
Direção: M. Nazarian, J. Cruz
Roteiro: Documentário (min.). Classificação: 14

nto da amiga e na Aydar e o o Duani, com igBonsai. Esma, Nazarian e haviam pensar essa experiência mergulhando no projeto serem produtores de um xocheco. Vou foi just e essa adio por ele, ho que exitariana. Ele no, que co-muito in-de aquela do filme de arqui-el. A edi-ada, ain-guinhos ises da rtamos i histó-icana", ora. egou a nena-o do-ngui-hece: iver-idou fina-com ho-les, era tis-tro-ram. Foi muito tocante

esquecer. E dois meses depois, foi internado", recorda.

SONS Se Mariana Aydar e Eduardo Nazarian são estreantes na telona, Joaquim Castro, que também assina a direção, tem longa bagagem cinematográfica. Em princípio, Joaquim entrou como montador em *Dominginhos*. Foi dele a ideia da narração em primeira pessoa. "Ele tem uma forma particular de falar, o tempo sertanejo, palavras peculiares, e só ele contando a própria história poderia trazer tamanha profundidade", frisa.

Um dos destaques do documentário são os sons de objetos, pessoas, especialmente os que Dominginhos ouvia na infância, período que determinou os rumos de sua vida e de sua música. Passaros que ele escutava, os brinquedos como peão e bola de gude, os repentistas da feira, o vento, os meninos correndo. "Esse filme é um encontro do cinema e da música. E nessa pesquisa da gênese dele, as sonoridades que ele escutava quando criança eram fundamentais para o processo do filme", acrescenta Joaquim.

O diretor e montador ressalta que sempre foi um apaixonado pela obra de Dominginhos e que, a partir do momento em que pôde conhecer sua vida, que representa a de tantos brasileiros, passou a admirá-lo ainda mais. "Ele era um brasileiro como tantos outros, que nasce num lugar difícil, que teve 16 irmãos, sendo que 10 morreram. Foi muito tocante

documentário *Dominginhos e Sons* extenso, ele acabou rendendo uma websérie que já está finalizada e disponível no Youtube no canal *Dominginhosmais*, (www.youtube.com/dominginhosmais). O projeto abriu espaço para que outras pessoas importantes na vida do artista contassem suas lembranças. Gilberto Gil, Djavan, Elba Ramalho, Hermeto Pascoal, João Donato, Lenine, Yamandu Costa e Hamilton de Holanda fazem parte da série, composta de oito episódios. O material vai gerar um DVD.



Um artista com o nome gravado na sanfona



Os diretores Joaquim Castro, Mariana Aydar e Eduardo Nazarian



Emoção em família

Se para quem não conviveu intimamente com Dominginhos é impossível não se emocionar com o documentário, imagina para quem o conheceu, como é o caso de sua filha caçula, a cantora Liv Moraes, de 33 anos. Na terça-feira, em São Paulo, durante a pré-estreia, foi difícil conter as lágrimas. "A saudade ainda é grande. Chorei demais e meus olhos ficaram inchados. Foi uma das mais belas homenagens que fizeram ao meu pai", ressalta. Liv, que estava acompanhada do filho Luca, de 5 anos, que aparece no filme no colo do avô, quando ainda era bebê, conta que o garoto é um dos que mais sentem a falta de Dominginhos. "Mas ele acabou dormindo durante a exibição do documentário e ficou até irritado com isso. O nascimento do meu filho deu uma motivação ao papai no fim da vida", lembra.

A cantora, assim como o restante da família, aprovou o filme dirigido pelo trio Mariana Aydar, Eduardo Nazarian e Joaquim Cruz

e acredita que eles colominguinhos como ele: um homem e artista que sempre tratou de sua maneira. "As pessoas, muito além da sua própria história, o espectador fica mais nem imagina o prazer em fazer isso. Foi maior gosto", frisa.

Liv Moraes, que tem três filhos do cantor, que seguiu os passos que outro ponto: o filme foram os casimagens que o rei. "O final, então, não emocionou. Foi um e minha mãe chorou muita força, estava passando explicações. Não é mas é aquele tipo de: Nossa, já acabou bom que é"

CULTURA

TEATRO



José Celso
Martinez
Corrêa no
Teatro
Oficina, onde
realiza o
processo de
ensaios e
encenação
da obra
de Euclides
de Almeida
Ferreira, a
trabalhar
na montagem
de 'Os Sertões'.

'Os Sertões' ganha vida e floresce no Oficina

Sob a batuta de José Celso Martinez Corrêa, 'A Terra', teatralização da primeira parte da obra, tem pré-estreia amanhã

BETH NESPOLI

O impossível acontece no Teatro Oficina amanhã. A Terra, a primeira parte de Os Sertões, de Euclides de Almeida Ferreira, ganha vida pulsante e teatral — sob a batuta de José Celso Martinez Corrêa — nos movimentos, nos gestos, nas vozes e nos ritmos de uma encenação que põe em cena a história de um povo e a luta por uma terra.

Teatro Oficina. Noite de sábado. O Estado tem acesso ao ensaio geral de A Terra. Qualquer um que tenha se aventurado na leitura de Os Sertões vai ao teatro imbuído de uma quase convicção: impossível encenar o primeiro dos três grandes capítulos do livro — os outros são O Homem e A Luta. Como transformar em cena aquelas descrições e análises geológicas, geográficas, hidrográficas, climáticas e botânicas?

O impacto começa pela primeira cena, a entrada lenta e silenciosa do grupo e quase 40 atores no teatro. A partir daí, impossível acontece. Tomemos como exemplo um pequeno trecho, aparentemente não encenável: "Vê-se, de fato, e três formações geológicas (geológicas) desaparecem, de idades não determinadas, as se substituem, ou se entrelaçam, em estratificações discordantes, dando o predomínio exclusivo de... ou a combinação de todas, as variáveis da fisionomia da terra... essas três formações geológicas assumem a forma de três longos tecidos — amarelo e vermelho — que movidos pelos atores em corridas e escadas por corredor e arquibancadas, oscilam, se entrelaçam, se

Lenise Pinheiro/Diálogos



OS SERTÕES

substituem dando forma e vida às paisagens de Euclides, à geologia. O mais importante, porém, é a ênfase à "variação fisionômica da terra brasileira".

Num outro momento ainda, Euclides narra uma experiência vivida "nos fins de setembro", quando ele, "trajando a monocórdia de um cardeiro, desce de trem, e do que aparentemente descansa, sob a sombra de uma quicabacia, "braços largamente abertos, face voltada para os céus". Na verdade, o soldado está morto há três meses. "Estava intacto. Murchara apenas. Murchara conservando os traços fisionômicos... Nem um verme — o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria — lhe maculara os tecidos." Euclides descobre que a secura do ar é tansante que conserva os cadáveres, daí o título que dá a esse trecho — Higrômetros (instrumento destinado a medir a umidade do ar) Singulares. Zé Celso mantém na

integra o longo e poético texto, mas transforma a cena em um diálogo entre o soldado e Euclides (Marcelo Drummond). Quando Euclides diz "descansa", o soldado morto o contesta e explica o que lhe ocorreu.

Na concepção de Zé Celso, os elementos todos da natureza ganham vida, dialogam, viram imagens de forte impacto como o encontro entre mar e terra ou o apinhamento da terra (encarnada pela be-



atriz Luciana Dornelles) por bandeirantes e especuladores imobiliários. Como observa Leopoldo M. Bernucci no prefácio da recém-lançada edição de Os Sertões pela Ateliê Editorial, o "martírio da terra" — pelas secas, pelas queimadas, pela insensibilidade — "antecipa e articula" a narrativa que virá com O Homem e A Luta. Ideia que, obviamente, não escapou ao encenador.

Quem ainda tem de Zé Celso apenas a imagem de um encenador dionisíaco — ou delirante, como preferem seus críticos — deveria assistir a uma de suas en-

Maurício Strassburg/Diálogos

saías. Solitário em uma das arquibancadas do Oficina, seu rosto é uma máscara de tensão enquanto faz incessantes anotações em um caderno. Terminado o ensaio, elenco reunido, as cobranças são rigorosas: "Essa cena de encontro entre mar e terra precisa ser apolônica, precisa", conclama. "Esse texto é difícil, precisa ser ouvido, não se pode falar para o chão, é importantíssimo colocar a voz para esse espaço", adverte. E por aí vai, comentando cena a cena, com grande rigor.

"É um paradoxo engraçado", comenta Zé em entrevista ao Estado no dia seguinte ao ensaio. "Por um lado, é difícil encontrar atores dispostos a ler o livro, estudá-lo durante dois anos, como esses atores fizeram. O ator profissional não tem mais essa disponibilidade. Por outro lado, com excesso de algaris, a grande maioria não tem experiência em teatro e aí é um processo muito difícil para eles a teatralização do livro. Mesmo para um digamos, ator ideal, com domínio de todas as técnicas, seria difícil. Mas também tenho certeza de que esse processo de maturação vai acontecer, se aperfeiçoar, se requintar e então vamos encontrar uma maneira de exprimir esse livro, que é profundamente teatral." Zé Celso já tem ensaiado partes de O Homem e a Luta,

mas ainda não estão prontos. "Não é um 'projeto' do Oficina encenar Os Sertões", diz Zé. "Detesto essa palavra projeto, formatação. É um



Cena de 'A Luta' (E) ainda processo de ensaios e soldado mumificado em 'A Terra' (F)

entorpecido, floresce. E às vezes situações mais trágicas. Ele ressalta a importância dessa peça no momento histórico pelo País. "A Campanha de Consolidação da República. Todos que estavam no litoral voltaram. Não houve diálogo. Alguém até lá, num primeiro momento, tentou convencê-los a se deslocar para o interior, mas não via sido um ano de seca ter que se deslocar. 25 mil pessoas foram uma estratégia de seca. Não queriam se deslocar. Não houve mais diálogos. Essa chacina foi a República. A partir daí, movimentos sociais foram públicos, sem diálogo. Num homem que vem da mentes sociais, acaba o poderes dessa mesma um momento histórico. Zé Celso avisa que os Sertões para re se, para as pessoas ter crados. "Eu não quero fazer Os Sertões. Para furarmos esse. Até hoje existem es não saci ess sis ca m n t

quanto qualq Quando o decide fazer, rão de Fins

DIRETOR
BUSCA
FIDELIDADE E
RIGOR CÊNICO

TEATRO

A terra em coro

VALMIR SANTOS

O teatro Oficina, no bairro paulistano do Bexiga, passou a semana anterior fechado para receber oito caminhões de terra. Ao correr de chão descapado de cimento, como projetos a arquiteta Lina Bo Bardi (1915-22), soma-se outra camada, a do "semi-árido" em que pisarão 40 intérpretes de uma criação coletiva coral.

uma fênix, sob o luar da lua, com o sol
agressivo e o céu aberto do teatro
Oficina, raios refletidos na
poesia seca (evoc. São Pedrol), co-
meça hoje a saga de José Celso
Martinez Corrêa e do grupo Oficina
Uryza Uzoza para a encena-
ção de "Os Serões", épico de
Euclydes da Cunha (1866-1909),
setenta e seis anos de seu lançamento.

A data é lembrada com a pre-
sênciã da "Primeira Parte - A Ter-
ceira", que entra em cartaz a próxi-
mo sábado. O evento de hoje cor-
porifica o lançamento de "Folha
Explica 'Os Serões'" (ed. Publifol-
ha, 98 págs., R\$ 9,90), do eucly-
diano Roberto Ventura (1957-
2020). Ventura é uma das pessoas
a quem Zé Celso, 65, dedica "Os
Serões", que também lembra seu
irmão, o professor Jorge Borges
Couta, que lhe deu o livro de presen-
teamento.

Após "A Terra", espécie de prego em que Euclides esmiuça a geologia e o clima da região, serão publicadas a segunda e a terceira, "O Homem" (março) e "A" (setembro). A intenção é publicar, em dezembro de 2003, a enciclopédia integral no Morrovela, na Bahia, epicentro da revolução dos Canudos (1897), cartão de visita do Exército contra o líder Antônio Conselheiro que resultou na morte de milhares de sertanejos e soldados.

juipe inclui o dramaturgista
y Pietra, a cantora Letícia
(preparação vocal) e as
Renée Guimel (corporal) e
Baicocchi (coreografia).
a no elenco, Denise Assun-
arcelo Drummond, Fran-

Araújo, Sylvia Prado, Flávia, Aury Porto revezam "nova floração" de atores na, como define Zé Celso, "funda a dimensão social" do Projeto Bexiga e jundação Gol de Letra. "lirio" começou há dois ando foi colocada em nais uma mobilização rupo Silvio Santos, que a construção de um nercial no entorno do ina, 41, tombado como [cultural] em 82.

testes e ensaios, segundo aconteceram sob as condições dos caboclos, em recursos. A queda trouxe limitações, como os do Projeto ao Teatro e do de Formação Cultural, que permitem a primeira parte as demais. A seguir, com Zé Celso.

★
Sertões' é um li-
lido em voz alta,
nas. Eu sempre vi
um coral. São
na gênese como
pistiasse antes de
tonista."

a obra genial, indoladora do povo
hoje é a origem, a
e interpretação
Brasil de hoje."

O HOMEM - "Nem deserto nem zona fértil, a geografia de Canudos parece até a condição humana. Esse lugar transformou a cabeça de Euclydes, formado dentro do positivismo do século 19. A cabeça brasileira, a partir de Canudos e do que Euclydes deixou escrito, não foi mais a mesma."

O PODER - "Eu não me considero massacrado; eu considero que as pessoas que estão fazendo 'Os Seritões' não são massacradas; considero que as pessoas do MST não são massacradas; considero que os milhões de eleitores que elegeram Lula não são massacrados; são pessoas que têm poder. E o teatro é fonte de poder político, é fonte de poder humano."

O BRASILEIRO - "Não é possível existir 'Os Sertões' no Oficinas se não for sintoma de um povo que já saiu daquele estado de passivi-

dade, de sofrimento, de prostração, de coluna dobrada."

A FLORAÇÃO - "Eu vou mudando, vou passando a bola. Hoje a Oficina é gerido por espécie de conselheiros. Eu sou conselheiro de muitos conselheiros. É uma máquina nova de desejos. Faz parte do teatro essa metamorfose toda. Com 65 anos, eu compreendo que é preciso estar a favor da transformação contínua, mesmo que você tenha que, muitas vezes, morrer e começar tudo de novo."

OS SERTÕES - PRIMEIRA PARTE - A TERRA. De Euclydes da Cunha. Adaptação e direção: José Celso Martinez Correia. Com: grupo Oficina Uzuza Uzuza. Onde: teatro Oficina (Jacarequi, 520, tel. 016/11/3104-0678). Quando: pré-estreia hoje, às 18h, e às 18h. Quanto: R\$ 30. Até 23/12 (domingo) especial dia 23/12, seg., às 14h30. R\$ 10.

→ **LEIA MAIS à pág. 89**



Cenas de ensaio de "Primeira Parte - A Terra", montagem do grupo Oficina sobre "Os Sertões", de Euclides da Cunha, cujo centenário é completado h

FRASE

"Os Sertões" são cantos, no sentido homérico da palavra. Um contato do Euclydes com a terra brasileira, aca-nhada, contraditória, que de repente explode na primavera, renasce. É muito parecido com Dioniso, o teatro, a condição humana."

JOSE CELSO MARTINEZ CORREA

Obra perpassa história do gr

DA REPORTAGEM (OCA)

Zé Ceiso conta que, já no programa da montagem da peça "Na Selva das Cidades" (69), de Bertolt Brecht, constava citação a "Os Sertões", de Euclides da Cunha. De lá para cá, a obra perpassa a história do grupo Oficina.

No início da década de 80, no antigo teatro, enquanto se projetava o atual, antes da demolição, Zé Celso e outros artistas colaboradores, como Catherine Hirs, Surubim, Edgar Ferreira, Zuri Pascoal da Conceição e Lucian Domisck, realizaram uma leitura

Naquela adaptação, Camudos encarna a história dos presos públicos (de Vargas Llosa) e com a trajetória do próprio te-

A fase da montagem da primeira Parte - A - ocorreu em 16 de agosto e contou com o apoio do teatro local, com mais uma leitura. Em 2002, aconteceu a leitura de trechos

Em maio passamos de São José do Rio Preto e Zé Celso levamos ao teatro municipalistas reinvindicando a presença de teatro na cidade.

m do sanfoneiro, instrumentista, cantor", completa o do Nazarian, que Mariana Aydar e Joaquina Assina a direção do projeto.

produtor do documentário-geral da web explica o porquê de dois produtos que nasceram da concepção de Mariana e Duani. "Trabalhamos seis anos nestes 60 horas de shows, que registramos desde os primeiros momentos, passando por uma viagem com ele a Galinhas, sua terra natal. E também, como parte do projeto inicial, gravamos com diversos produtores e diretores de monitores de Castro, o que era a história do menino Dominguinhos, sua história no documentário, completaria. E, diante de retratos e memórias de Gil, Heronato, Wilton Alves, Elba Góes, Andréia e Hamilton

“

Mostramos uma versão do filme para Dominguinhos há alguns anos, mas ele ficou emocionado e pediu para parar”

Deborah Osborn

PRODUTORA EXECUTIVA

de Holanda, Djavan e Orquestra Jazz Sinfônica? “Transformar isso em uma série paralela ao longa, mostrar isso ao público e prestar essa homenagem a um dos maiores músicos que já tivemos”, respondem Briso, Mariana e Nazarian.

São esses encontros que, a partir do dia 26, vão ao ar toda quarta até abril, pelo canal do projeto no Facebook (www.facebook.com/dominguinhosmais) e no YouTube (www.youtube.com/dominguinhosmais).

Mais que meros registros, os encontros, gravados em um estúdio, possuem qualidade de som impecável e serão em breve transformados em CD. Além

disso, quem assistir a cada um dos encontros poderá, ao final, clicar em um link que dará acesso a outras duas músicas gravadas por ele e pelos convidados. Ao todo, nesta playlist especial, haverá 16 canções interpretadas por Dominguinhos e parceiros que complementam os mini-documentários.

Já *Dominguinhos*, o filme, tem estreia prevista para maio e deve passar antes por grandes festivais. Um dos confirmados é o Bafici (Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires), em abril. “Com linguagem mais artística, é narrado em primeira pessoa, tem imagens poéticas e refaz a trajetória do menino que saiu do sertão, chegou ao Rio em 1954, foi pedreiro, morou muitos anos em Nilópolis, foi descoberto por Luiz Gonzaga e pelos grandes músicos brasileiros dos anos 70”, dizem Mariana e Nazarian.

Foi com Nazarian, aliás, que tudo começou. “Vi Dominguinhos tocar uma vez em uma livraria. Ele estava tão despido de

qualquer coisa, tão íntimo, tão só, tão ao mesmo tempo tão sofisticado, ambiente em que eu não sabia o que eu vi, mas que pensei que era um músico. Um tempo depois, falei sobre ele com a minha mãe. E assim foi. “Só tem



Encontro. Produtores e diretores em um dia de filmagem

Documentário vai contar vida de Dominginhos

'Dominginhos, Volta e Meia' apresentará duetos com Hermeto Pascoal, João Donato, Gilberto Gil e Lenine

Filme foi idealizado pela cantora Mariana Aydar e tem estreia prevista para o segundo semestre de 2012

MARCUS PRETO
DE SÃO PAULO

"Dominginhos, me esclareça uma dúvida: foi [Luiz] Gonzaga quem lhe botou esse nome, não foi?"

"Foi Gonzaga, Hermeto. Numa gravação. Ele me disse que esse nome que mãe dá pra filho não serve quando a gente vira artista."

"E qual era o nome que sua mãe lhe deu?"

"Era Neném, Hermeto."

"Rapaz, isso não serve mesmo pra artista não..."

O diálogo entre os músicos Dominginhos e Hermeto Pascoal aconteceu domingo passado, na cozinha de um estúdio em São Paulo.

Na sequência, ambos seguiriam para seus instrumentos e fariam uma série de duetos — todos de improviso, como é do gosto dos dois.

Tanto a conversa da cozinha quanto os números musicais foram gravados em som e imagem e farão parte do documentário "Dominginhos, Volta e Meia", dirigido por Felipe Briso, que já toma dois anos de trabalho e deve ser lançado em 2012.

O projeto é ideia da cantora Mariana Aydar, com a colaboração — e a direção musical — dos instrumentistas Duani e Eduardo Nazarian.

Pretende dar um panorama da história de Dominginhos, mestre da sanfona, pernambucano de Garanhuns, retratando seu dia a dia entre o aniversário de 70 anos, neste ano, e o de 71, em fevereiro do ano que vem.

"Filmamos situações de todo o tipo", diz Briso. "Desde um encontro importante com a Jazz Sinfônica, até um dia comum, em que nada acontece. É ensaios, gravações. Também estivemos em momentos bem pessoais, como o aniversário da filha."

ENCONTROS

Além de Hermeto, já gravaram duetos com Dominginhos os músicos João Donato e Lenine. Gilberto Gil já agendou sua participação.

Briso conta que usará um quase nada de imagens de arquivo. A intenção é que o passado do músico seja contado por meio desses encontros musicais e conversas.

"Hermeto diz respeito à primeira fase, à infância, a ser autodidata, a essa música universal", diz. "Um não conhecia o outro quando mole-

ques, mas eles têm background muito parecido e essas vidas dialogam."

Donato, conta o diretor, vai espelhar a "fase do Beco das Garrafas" de Dominginhos, quando ele tinha que tocar todos os gêneros, em bares, para ganhar a vida.

Gil representa o momento em que a música nordestina é resgatada pelo mainstream e o sanfoneiro ganha fama nacional, passa a acompanhar Gal Costa e começa a gravar seus trabalhos autorais mais importantes.

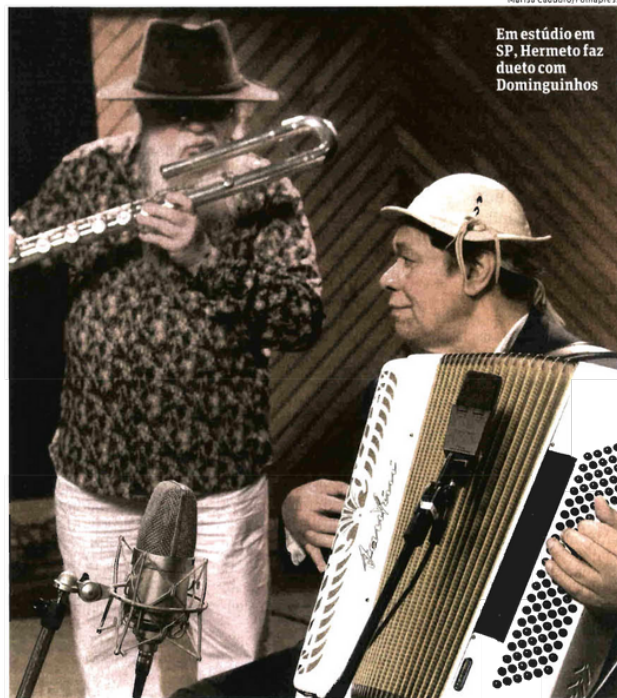
"Lenine é fase posterior, da fusão, das pontes internacionais, do Brasil vendendo música para o mundo", diz.

Dominginhos, que acaba de concluir o tratamento de câncer no pulmão, chega bem disposto às gravações.

Ter a vida revista no filme o faz mais forte, ele diz.

Lembra que chegou ao Rio com o pai, aos 13, atrás de trabalho. Foram logo a Nilópolis, à procura de Gonzagão, que o havia visto tocar ainda em Garanhuns e prometeu ajuda quando precisasse.

"A gente não tinha sanfona e a esperança do meu pai era que ele nos desse uma", diz. "Não deu outra. Em cinco minutos meu pai estava com uma sanfona de 50 baixos na mão. Posso me considerar um sujeito de sorte."



Marisa Cauduro/Folhapress

Em estúdio em SP, Hermeto faz dueto com Dominginhos



Gilberto Gil grava participação em documentário sobre Dominginhos Músicos se reuniram no Rio e relembrou parcerias e sucessos. Dominginhos, volta e meia' tem estreia prevista para o ano que vem.

Henrique Porto Do G1 R

Tudo pronto no estúdio de Gilberto Gil, na Gávea, Zona Sul do Rio. Músicos, técnicos produtores, além do próprio cantor baiano, aguardam a chegada do amigo e parceiro de longa data José Domingos de Moraes, o Dominginhos. O encontro realizado no fim da tarde de sábado (12), mais um entre tantos na carreira dos dois artistas, tem um sabor especial. Será registrado pela equipe do diretor Felipe Briso e fará parte do documentário "Dominginhos, volta e meia", que celebra os 70 anos do cantor, compositor e instrumentista recém-completos em fevereiro último.

Enquanto espera, Gil relembra histórias do convívio com Dominginhos, reafirma a influência do "mestre Luiz Gonzaga" na formação musical de ambos e não deixa de exaltar o talento e versatilidade do músico pernambucano num bate-papo animado com o baterista Robertinho Silva, o baixista Arismar do Espírito Santo e o guitarrista Heraldo do Monte, reunidos para a ocasião. "Dominginhos guardava toda essa verve nordestina de Gonzagão, ao mesmo tempo em que sua sensibilidade musical estava voltada a busca de uma sofisticação harmônica", comenta Gil, pouco antes de perceber a presença do homenageado já dentro do estúdio: "Estávamos aqui só falando de você", diz o cantor, levantando-se, de braços abertos, para cumprimentar o amigo.

E é sob um clima intimista e de reverência a Dominginhos, mesmo entre iluminadores e operadores de som, que a gravação dos números musicais acontece. No repertório, canções de sucesso compostas pelo pernambucano e sua frequente colaboradora Anastácia, gravadas na voz de Gil ("Tenho sede", "Eu só quero um xodó"); as parcerias com o cantor baiano ("Lamento sertanejo", "Abri a porta"); uma homenagem a Luiz Gonzaga ("Treze de dezembro"); "Meio-de-campo", composta por Gil e gravada por Elis Regina nos anos 70; e uma música instrumental, abrindo espaço para pequenos improvisos.

São justamente estes encontros musicais, dos quais também já participaram Hermeto Pascoal, Wilson das Neves, Lenine e João Donato, que vão pontuar o longa, idealizado pela cantora e compositora Mariana Aydar, o multi-instrumentista e produtor musical Duani Martins e o pianista Eduardo Nazarian, em parceria com a bigBonsai, que também assina a produção do documentário.

"Eles refletem momentos da trajetória do Dominginhos. Com o Gil, por exemplo, queremos justamente lembrar de quando ele passa a ser conhecido, além de instrumentista, como um compositor de sucesso. Mas teremos de tudo: desde de obras mais instrumentais até peças mais voltadas para canção. Acho que vamos conseguir nosso objetivo, que é tirar todos rótulos de Dominginhos. Ele é um músico universal", destaca Eduardo, logo após as gravações.

Para Gil, é justamente este o mérito do amigo, que soube unir a tradição da música regionalista brasileira à contemporaneidade dos tempos modernos. "Ele foi na esteira de Luiz Gonzaga, o primeiro grande artista regional a abordar a modernidade nos temas, na música e na poesia. Dominginhos é um herdeiro direto disso. Traz essa fidelidade ao seu mundo inicial, ao Nordeste. Ao mesmo tempo, se encantou pelas faíscas da música popular do mundo inteiro. Fez isso com um talento musical prodigioso, engoliu tudo como se tivesse uma barriga de baleia", brinca Gil.

Tímido, Dominginhos agradece os elogios do tropicalista e relembra de sua participação no disco "Refavela", que selou a amizade entre os dois. "Depois de gravar 'Refazenda' com ele, em 1973, passei a fazer parte da banda na turnê do álbum. Andamos tanto por esse Brasil com aquele disco. Gil me ajudou muito. Gravou músicas minhas e me fez ser reconhecido como compositor. Por causa dele, andei até de avião", diz o pernambucano sobre um de seus maiores medos. "Fomos tocar em algumas cidades europeias, aí não teve jeito. Ele queria descansar e dormir, mas eu queria conversar o tempo todo para me distrair", reconhece.

Quem assistir ao documentário também vai poder conhecer um pouco do dia a dia do músico e de sua intimidade através da relação com a família, além de compromissos profissionais e pessoais.

"Estamos fazendo uso deste ano em que Dominginhos faz aniversário para recontar sua vida. De alguma maneira, 70 anos é uma idade simbólica. Nesta hora, qualquer pessoa se pega olhando para trás e revê um pouco a sua história. Por proporcionar isso a ele é muito legal. E a gente percebe que ele está muito feliz", declarou o diretor Felipe Briso, adiantando que o longa chegará às telas no primeiro semestre de 2012.

O grande homenageado confirma a impressão do diretor. "O que posso dizer é que é muito interessante para o artista ter sua história lembrada. Tem sido muito bom mesmo. Tenho revisto muitos amigos. Está ficando muito bonito".

Tanto Gil quanto Dominginhos seguem em turnês juninas pelo Brasil nos próximos meses. O baiano se apresenta na Bahia nos próximos dias 17 (Salvador), 23 (São Sebastião do Passé) e 25 (Mata de São João) com a turnê do álbum "Fé na festa", lançado no ano passado. O repertório privilegia os ritmos tradicionais do nordeste, incluindo baião, xote e forró.

Já Dominginhos cumpre um roteiro que inclui shows na Paraíba, Bahia, Pernambuco e Sergipe. Os destaques são as apresentações no São João de Petrolina, no dia 21 deste mês, e no Forrocaju, dois dias depois.



15/06/2011 12h09 - Atualizado em 01/07/2011 16h56

Gilberto Gil grava participação em documentário sobre Dominginhos

Músicos se reuniram no Rio e relembrou parcerias e sucessos. 'Dominginhos, volta e meia' tem estreia prevista para o ano que vem.

Henrique Porto Do G1 RJ

[imprimir](#)

Tudo pronto no estúdio de Gilberto Gil, na Gávea, Zona Sul do Rio. Músicos, técnicos e produtores, além do próprio cantor baiano, aguardam a chegada do amigo e parceiro de longa data José Domingos de Moraes, o Dominginhos. O encontro realizado no fim da tarde de sábado (12), mais um entre tantos na carreira dos dois artistas, tem um sabor especial. Será registrado pela equipe do diretor Felipe Briso e fará parte do documentário "Dominginhos, volta e meia", que celebra os 70 anos do cantor, compositor e instrumentista recém-completos em fevereiro último.



da esq. para a dir.: o baixista Arismar do Espírito Santo, o guitarrista Heraldo do Monte, Dominginhos e Gilberto Gil durante gravação do documentário 'Dominginhos, volta e meia' no último sábado (12), no Rio (Foto: André Brandão/Divulgação)

Enquanto espera, Gil relembra histórias do convívio com Dominginhos, reafirma a influência do "mestre Luiz Gonzaga" na formação musical de ambos e não deixa de exaltar o talento e versatilidade do músico

<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/06/gilberto-gil-grava-participacao-em-documentario-sobre-dominginhos.html>

G1 - Gilberto Gil grava participação em documentário sobre Dominginhos - notícias em Pop & Arte

pernambuco num bate-papo animado com o baterista Robertinho Silva, o baixista Arismar do Espírito Santo e o guitarrista Heraldo do Monte, reunidos para a ocasião.

"Dominginhos guardava toda essa verve nordestina de Gonzaga, ao mesmo tempo em que sua sensibilidade musical estava voltada a busca de uma sofisticação harmônica", comenta Gil, pouco antes de perceber a presença do homenageado já dentro do estúdio: "Estávamos aqui só falando de você", diz o cantor, levantando-se, de braços abertos, para cumprimentar o amigo.

É só sob um clima intimista e de reverência a Dominginhos, mesmo entre iluminadores e operadores de som, que a gravação dos números musicais acontece. No repertório, canções de sucesso compostas pelo pernambuco e sua frequente colaboradora Anastácia, gravadas na voz de Gil ("Tenho sede", "Eu só quero um xodó"); as parcerias com o cantor baiano ("Lamento sertanejo", "Abri a porta"); uma homenagem a Luiz Gonzaga ("Treze de dezembro"); "Meio-de-campo", composta por Gil e gravada por Elis Regina nos anos 70; e uma música instrumental, abertido espaço para pequenos improvisos.



Dominginhos e Gilberto Gil tocam músicas como 'Tenho sede' e 'Lamento sertanejo', ambas do álbum 'Refavela' (Foto: André Brandão/Divulgação)

São justamente estes encontros musicais, dos quais também já participaram Hermeto Pascoal, Wilson das Neves, Lenine e Jô do Donato, que vão pontuar o longa, idealizado pela cantora e compositora Mariana Aydar, o multi-instrumentista e produtor musical Duani Martins e o pianista Eduardo Nazarian, em parceria com a bigBonsai, que também assina a produção do documentário.

"Eles refletem momentos da trajetória do Dominginhos. Com o Gil, por exemplo, queremos justamente lembrar de quando ele passa a ser conhecido, além de instrumentista, como um compositor de sucesso. Mas teremos de tudo: desde de obras mais instrumentais até peças mais voltadas para canção. Acho que vamos conseguir nosso objetivo, que é tirar todos os rótulos de Dominginhos. Ele é um músico universal", destaca Eduardo, logo após as gravações.

Para Gil, é justamente este o mérito do amigo, que voube unir a tradição da música regionalista brasileira à contemporaneidade dos tempos modernos. "Ele foi na esteira de Luiz Gonzaga, o primeiro grande artista regional a abordar a modernidade nos temas, na música e na poesia. Dominginhos é um herdeiro direto disso. Traz essa fidelidade ao seu mundo inicial, ao Nordeste. Ao mesmo tempo, se encantou pelas falcatas da música popular do mundo inteiro. Foi isso com um talento musical prodigioso, engolia tudo como se tivesse uma barriga de baleia", brinca Gil.

<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/06/gilberto-gil-grava-participacao-em-documentario-sobre-dominginhos.html>

G1 - Gilberto Gil grava participação em documentário sobre Dominginhos - notícias em Pop & Arte

Tímido, Dominginhos agradece os elogios do tropicalista e relembra de sua participação no disco "Refavela", que selou a amizade entre os dois. "Depois de gravar 'Refavela' com ele, em 1973, passei a fazer parte da banda na turnê do álbum. Andamos tanto por esse Brasil com aquele disco. Gil me ajudou muito. Gravou músicas minhas e me fez ser reconhecido como compositor. Por causa dele, andei até de avião", diz o pernambuco sobre um de seus maiores medos. "Fomos tocar em algumas cidades europeias, aí não teve jeito. Ele queria descansar e dormir, mas eu queria conversar o tempo todo para me distrair", reconhece.



Dominginhos e Gilberto Gil tocam impressões após a gravação do encontro musical no Rio (Foto: André Brandão/Divulgação)

Quem assistir ao documentário também vai poder conhecer um pouco do dia a dia do músico e de sua intimidade através da relação com a família, além de compromissos profissionais e pessoais.

"Estamos fazendo uso deste ano em que Dominginhos faz aniversário para recontar sua vida. De alguma maneira, 70 anos é uma idade simbólica. Nesta hora, qualquer pessoa se pega olhando para trás e revê um pouco a sua história. Por proporcionar isso a ele é muito legal. E a gente percebe que ele está muito feliz", declarou o diretor Felipe Briso, adiantando que o longa chegará às telas no primeiro semestre de 2012.

O grande homenageado confirma a impressão do diretor. "O que posso dizer é que é muito interessante para o artista ter sua história lembrada. Tem sido muito bom mesmo. Tenho revisto muitos amigos. Está ficando muito bonito".

Tanto Gil quanto Dominginhos seguem em turnês juninas pelo Brasil nos próximos meses. O baiano se apresenta na Bahia nos próximos dias 17 (Salvador), 23 (São Sebastião do Passé) e 25 (Mata de São João) com a turnê do álbum "Fé na festa", lançado no ano passado. O repertório privilegia os ritmos tradicionais do nordeste, incluindo baião, xote e forró.

Já Dominginhos cumpre um roteiro que inclui shows na Paraíba, Bahia, Pernambuco e Sergipe. Os destaques são as apresentações no São João de Petrolina, no dia 21 deste mês, e no Forrocaju, dois dias depois.

Link patrocinado

<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/06/gilberto-gil-grava-participacao-em-documentario-sobre-dominginhos.html>

VITRINE

CANCIONEIRO

Quando visitou Lisboa durante a gravação do disco de uma cantora cabo-verdiana, o músico **EDUARDO NAZARIAN** ficou surpreso com a qualidade dos artistas que encontrou. “Não conhecemos nada do que é produzido na língua portuguesa fora do Brasil e eles sabem tudo sobre o que acontece por aqui”, diz. Da experiência no exterior surgiu a ideia de seu novo projeto, em parceria com o diretor americano Tom Piper, ainda em fase de captação: o documentário *Atlântico*, que irá registrar uma viagem poético musical por países como Angola, Portugal e Moçambique. Formado pela prestigiada City College, em Nova York – cidade que viveu por cinco anos –, ele acaba de abrir seu próprio estúdio, na Vila Madalena. No descolado espaço, Eduardo vai produzir trabalhos especiais como os encontros do sanfoneiro Dominginhos com artistas da música popular, série que deu origem ao filme *Dominginhos Volta e Meia*, a ser lançado ainda este semestre. Vem coisa boa por aí.

TEXTO JULIA FURRER FOTO LETÍCIA MOREIRA



Dominguinhos ganhará documentário

Por Patrícia Colombo

Mestre da sanfona terá longa-metragem a seu respeito, elaborado por Mariana Aydar, Duani e Eduardo Nazarian; *Dominguinhos, Volta e Meia* será lançado em 2012

Foto: Ding Musa/Divulgação



Mariana Aydar, Duani e Eduardo Nazarian preparam doc sobre Dominguinhos

Total de fotos: 6



[Veja a Galeria Completa](#)

A cantora Mariana Aydar, o músico Duani e o compositor Eduardo Nazarian estão preparando um documentário sobre Dominguinhos, intitulado *Dominguinhos, Volta e Meia*.

Dirigido por Felipe Briso, o filme apresentará a trajetória deste que é um dos maiores nomes da música nacional, contando com entrevistas e encontros musicais com diversas pessoas que foram importantes na vida do artista. "Estamos fazendo o máximo para que seja um documentário à altura dele", disse Mariana, à *Rolling Stone Brasil*. "Queremos mostrar a universalidade do Dominguinhos, que apesar de ser esse cara regional, está em todo lugar. Uma pessoa que nunca abandonou a sanfona, nunca abandonou o forró, nem a devoção por Luiz Gonzaga."

De acordo com comunicado oficial, o primeiro da série de encontros aconteceu nesta semana, com João Donato. Dominguinhos e ele tocaram "Plantio do Amor" (Dominguinhos) e "Minha Saudade" (João Donato), que contaram com arranjos especiais. "Plantio do Amor" aparece com arranjo que a aproxima da sonoridade dos

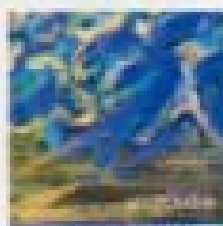
anos 60, do Beco das Garrafas, que remete aos trios de sambajazz. Já em 'Minha Saudade', a sanfona de Dominguinhos confere um gosto inusitado ao que seria um tema de bossa nova", explicou Nazarian, por meio de texto enviado à imprensa. Hermeto Pascoal, Lenine, Gilberto Gil e Elba Ramalho também participarão do documentário.

A equipe começou a trabalhar no projeto há quatro anos, mas só agora conseguiu a verba necessária para a realização, por meio do Edital Nacional Natura Musical. A produção fica a cargo da bigBonsai e o filme deve ser lançado no primeiro semestre de 2012.

Tags relacionadas

dominguinhos mariana-aydar dominguinhos-volta-e-meia

VOGUE



"Quem vem Lá", Eduar-
do Nazarian
(do CD
Quizomba).

O álbum mescla o veterano
baterista Robertinho Silva
com novatos como Mariana
Aydar. Com menos de 30
anos, Nazarian mostra-se
como um dos principais ins-
trumentistas da sua geração.

SOM BRASIL

Eduardo Nazarian é paulistano, mas mora em Nova York há um ano. Manhattan foi eleita pelo pianista, arranjador e compositor para divulgar a nova cara da música brasileira. "Nos Estados Unidos tudo que não é pop rock é chamado de world music. A música de cada lugar é variada e complexa, muito grande pra caber nesse rótulo. Um dia vão entender que samba não é rumba", diz o músico. Eduardo lançou seu primeiro álbum, **Quizomba**, em 2006, no Brasil, e contou com as participações dos amigos da nova geração como Mariana Aydar, Bocato, Mariana de Moraes e Junio Barreto (turma jovem, "modernetz" e com gana de melhorar o cenário da MPB). Agora, leva a gravadora **Selo Mundo Melhor**, que fica em São Paulo, para lá - e seu primeiro projeto é uma série de shows em Lisboa com uma mistura de sons de Brasil, Portugal, Cabo Verde e Angola. Para completar o currículo de Eduardo, ele prepara, ao lado da amiga cantora Mariana Aydar um documentário sobre o instrumentista **Dominguinhos**. O filme já começou a ser rodado e deve ficar pronto em 2009.

(ISABEL DE BARROS)

Foto: DAZOVI E MITO

